

TERRITÓRIO FUNK E FEMINILIDADES: subjetividades construídas entre relações de poder, a rua e a violência

Iara Pires Viana¹
Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi compreender o processo de construção social das feminilidades em um bairro popular favelizado, suas relações com a violência e o poder nos momentos de lazer em bailes *funk* e, ainda, delinear os principais aspectos da configuração e organização dos Bondes na região metropolitana de Belo Horizonte. Foi possível, também, discorrer sobre relações de poder, o estabelecimento de lideranças em diferentes níveis, regras, rearranjos para fruição do lazer, códigos de convivência e a relação entre esses e a territorialidade local. Para compreender as complexas relações entre sujeito, subjetividade, sentidos e significados no Território Funk adotamos a abordagem histórico cultural de Vigotski e a teoria da subjetividade de Fernando Rey. Definimos a metodologia qualitativa como estratégia para atingir os objetivos e usamos a entrevista semiestruturada com as jovens meninas/mulheres funqueira e perigete. Nesse contexto, coube também a utilização de lentes feministas para o entendimento do ethos presente na rua, buscando entender a ressignificação dos códigos reelaborados por essas jovens nos *bailes funk*.

Palavras-chave: Funk. Menina/Mulher. Território. Subjetividades.

FUNK TERRITORY AND FEMINITIES: subjectivities built between power relations, the street and violence

ABSTRACT: The objective of this work was to understand the process of social construction of femininities in a popular slum neighborhood, its relations with violence and power in leisure moments in funk dances, and also to outline the main aspects of the configuration and

¹ Possui graduação em Ciências Humanas - Geografia. Especialização em Área de Risco Social e Educação Ambiental (Universidade Federal de Minas Gerais), Professora da Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação. Prestou consultoria como Geógrafa no Comitê Técnico de Elaboração do Plano Diretor - (Mapeamento das favelas) para a Prefeitura Municipal de Vespasiano/MG. Atuou como Orientadora de Aprendizagem no Telecurso-Tec, uma parceria entre a Fundação Roberto Marinho e o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza/SP, para alunos do EJA - Educação de Jovens e Adultos. Ministrou o curso Secretariado e Assessoria - Modalidade Semi-Presencial. Possui Mestrado em Estudos do Lazer - PPGIEL - UFMG na Linha de Pesquisa: Lazer, Cultura e Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Participa do Grupo de Pesquisa NEPPCOM (Núcleo de Estudo e Pesquisa do Pensamento Complexo) – Grupo de Estudos Teoria e Histórico-Cultural FAE/UFMG. O Núcleo é uma estrutura criada a partir da vinculação ensino-pesquisa-extensão, promovendo o debate relativo às articulações entre o Pensamento Complexo e as questões relativas ao Lazer e grupos sociais vulneráveis no âmbito da inter e da transdisciplinaridade. Integrou e coordenou grupo de Professoras que foi enviado a Moçambique numa missão formativa de professores coordenadores da educação básica numa ação de Cooperação sul-sul através do Ministério das Relações Exteriores em 2015. Atualmente trabalha na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais como Superintendente de Modalidades e Temáticas Especiais de Ensino. Email: iara.viana@educacao.mg.gov.br

organization of trams In the metropolitan area of Belo Horizonte, to discuss power relations, the establishment of leadership at different levels, rules, rearrangements for the enjoyment of leisure, codes of coexistence and the relationship between these and the local territoriality. In order to understand the complex relationships between subject, subjectivity, meanings and meanings in Territory Funk we adopt the historical cultural approach of Vygotsky and Fernando Rey's theory of subjectivity. We define the qualitative methodology as a strategy to reach the objectives and use the semi-structured interview with the young Girls / women funqueira and perigete. In this context, it was also the use of feminist lenses to understand the ethos present in the street, trying to understand the re-signification of the codes reworked by these young women in funk dances.

Keywords: Funk. Girl woman. Territory. Subjectivities.

TERRITORIO FUNK Y FEMENIDADES: subjetividades construidas entre relaciones de poder, la calle y la violencia

RESUMEN: El objetivo de este estudio fue comprender el proceso de construcción social de la feminidad en un barrio favelizado popular, sus vínculos con la violencia y el poder en momentos de ocio en los bailes funk y también delinear los principales aspectos de la configuración y organización de tranvías la región metropolitana de Belo Horizonte, hablar de las relaciones de poder, la creación de líderes en diferentes niveles, reglas, reordenamientos para el disfrute del ocio, los códigos de convivencia y la relación entre ellos y la territorialidad local. Para entender las complejas relaciones entre el sujeto, la subjetividad, los sentidos y significados en el Territorio Funk adoptar el enfoque histórico cultural de Vigotsky y la teoría de Fernando Rey subjetividad. Se define la metodología cualitativa como una estrategia para lograr los objetivos y usos entrevistas semiestructuradas con jóvenes niñas / perigete funqueira y mujeres. En este contexto, también se redujo el uso de óptica femenina para entender el espíritu presente en la calle, tratando de entender el nuevo significado del código reelaborado para estas jóvenes en los bailes funk.

Palabras-clave: Funk. Niña mujer. Territorio. Subjetividades.

Introdução – Dos Bondes

O presente artigo discorre acerca das territorialidades dos Bondes² femininos e suas relações com o lazer nos bailes funk. Para isso, parto de considerações teóricas relativas aos processos de constituição da subjetividade, sendo que foram elencados e

² Bonde é também uma gíria usada nos bairros de periferia, especialmente no Rio de Janeiro e serve para designar grupos de amigos que estão sempre juntos, além de ser um termo muito utilizado em letras de funk e nomes de bandas como Bonde do Tigrão, Bonde do Funk, dentre outros. As pessoas tornam-se conhecidas por serem membros de um determinado bonde e, geralmente, há rixas entre pessoas de bondes distintos. Será a partir desta configuração que utilizarei o termo Bonde neste artigo.

analisados os principais mecanismos utilizados por esses grupos para subverter a ordem patriarcal. Para além das fronteiras e territórios, neste artigo, busco delinear os principais aspectos da configuração e organização desses Bondes na região metropolitana de Belo Horizonte, discorrendo sobre relações de poder, o estabelecimento de lideranças em diferentes níveis, regras, rearranjos para fruição do lazer, códigos de convivência e a relação entre esses e a territorialidade local. O mapeamento desses indicadores visou um maior aprofundamento dos diferentes aspectos da cotidianidade e das relações de gênero nesses grupos juvenis. Nesse aspecto, me propus a discutir como essas meninas/mulheres³ colocam o corpo sexualizado no primeiro plano nas escolhas de suas músicas preferidas e no dançar funk, em um cenário, no qual, constrói uma crítica a certa hipocrisia, ao preconceito de gênero e à falta de liberdade sexual que caracteriza a condição feminina em determinados territórios da cidade.

Ao radicalizar os modos libertários de vivenciar o desejo, o prazer, o sexo e o corpo, no funk, esse momento de lazer corrobora a afirmativa de Gomes e Elizalde (2012), de que teremos tantas fruições de lazer quanto pessoas no mundo, pois esta fruição é parte da dimensão subjetiva do ser humano, e acena como uma via de construção identitária e de redimensionamento das relações entre o estar mulher e o tornar-se mulher em espaços tidos como masculinos, tais como a rua, os Bondes e o baile funk.

Torna-se importante mencionar que a apresentação deste artigo compõe um dos campos de análise na Linha de Pesquisa do Mestrado Interdisciplinar da Faculdade de Educação Física: Lazer, Cultura e Educação, cuja dissertação *Mulheres negras e baile funk: lazer, sexualidade e violência* colabora para preencher uma lacuna existente na academia, devido ao preconceito referente aos estudos interdisciplinares e, sobretudo, concernentes à questão dos balbucios da alteridade nas representações sociais e, fundamental, ao ler esse artigo, faz-se necessário nos despirmos de certos preconceitos para aceitar o modo de ser do Outro.

Ao penetrar no universo do *funk proibido*⁴, a primeira questão que me veio à mente foi de que se trata de uma forma de expressão oriunda de um “lugar de fala” problemático diante de uma sociedade que segrega e criminaliza determinados grupos sociais. Isso se destaca porque representa uma atividade expressa por aqueles que são subtraídos (ou não deveriam ter, segundo uma lógica a que designo como a “confluência

³ Indica que a condição de menina não está desvinculada da condição de ser mulher num contexto no qual as relações de gênero se mostram assimétricas diante de uma pretensa hegemonia patriarcal. Desse modo, o termo não se reduz à faixa etária de crianças e jovens femininas como se estivesse naturalizando a adultização desse período de vida; pelo contrário, procura evidenciar como a representação de ser mulher e ser homem atravessa os distintos ciclos da vida humana.

⁴ O proibido é uma vertente do funk que explora de forma demasiadamente explícita os temas da violência do crime e da sexualidade/erotismo. Assim como os demais estilos, representam a narrativa de uma realidade particular – nas favelas. “Pancadão, diga-se de outra forma: neurótico, melody, new funk, comédia, proibido ou erótico, como é conhecido em suas variações. Mas não precisa complicar: é simplesmente como funk que todos o reconhecem e assim denominam tanto as festas onde ele é tocado – bailes funk – quanto os seus ouvintes/dançarinos/seguidores/ideólogos – funkeiros (ESSINGER, 2005, p. 11).

de lugares de fala conservadoras”) da possibilidade de expressão dos seus anseios e da sua identidade cultural. O funk proibidão representa a redenção de um “lugar de fala” que deveria permanecer no silêncio. Para esse diálogo, trago o filósofo Jacques Rancière, relendo Platão e Aristóteles, que vê na estética uma *partilha do sensível*, a qual faz ver “quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (RANCIÈRE, 2005, p. 16). Representar, tornar visível a existência de um “comum”, e da possibilidade de uma fala comum, assim, essa partilha determina quem participa na constituição do político e do social. Nesse aspecto, Muniz Sodré entende que o sujeito investido da fala comum “é socialmente visível e assim pode tomar parte no jogo político” (SODRÉ, 2006, p. 129).

Contemporaneamente, a partilha do sensível estabelece tensões em um mundo no qual algumas falas e alguns lugares de fala, têm maior peso que outros, já que se estabelece num campo demarcado por relações de poder. O que não impede que setores oprimidos da sociedade, num dado momento, articulem formas de resistir. Todavia, as estratégias de resistência se desdobram em uma multiplicidade enorme de lugares de fala que, nem sempre, estarão em sintonia. Se pensarmos, provisoriamente, numa estrutura binária de disputa (de poder, que seja) – do tipo elite versus popular – será forçoso pensar que, dentro do campo denominado popular, haverá outras tensões. Entre o hip-hop, o samba, o funk e inúmeras outras formas de manifestação, encontraremos diversos lugares de fala, os quais nem sempre falarão a mesma linguagem, já que essa é permeada por um pensamento situado num contexto histórico-cultural (VYGOTSKY, 1984).

Metodologia

A metodologia adotada na pesquisa apresenta natureza qualitativa, pois abarca fenômenos que acontecem na sua dinâmica social e prevê abordagem hermenêutica (análise interpretativa das declarações verbais e não verbais) dos dados coletados e das cenas observadas a partir desse fenômeno (APPOLINARIO, 2004; SUDBRACK, 2008). Assim, o foco não deve recair nem apenas no sujeito, ignorando seu contexto social, nem apenas no contexto, ignorando suas particularidades, mas na relação entre ambos, concebendo o sujeito como social e historicamente situado. Como procedimentos metodológicos também foram utilizadas, como principais instrumentos de registro, as entrevistas individuais semiestruturadas (EI) os grupos de discussão (GD) e as anotações sobre as Observações de Campo (OC), sendo que este último se estendeu ao longo de todo o processo. É relevante destacar que alguns procedimentos foram planejados previamente, outros contaram com a urgência e com a incerteza. A escolha da teoria crítico-feminista centrada no repertório da ‘desconstrução’, ‘interseccionalidade’, ‘sentidos’, ‘significados’, ‘complexidade’ e ‘subjetividades’ (BUTLER, 2003; BILA SORJ, 1992; GONZÁLES REY, 2004; MORIN, 2005), contempla o caráter ativista intrínseco à ética das abordagens críticas feministas. Entretanto, evidenciou-se a necessidade de

privilegiar a Observação de Campo do tipo participante, para as práticas e discursos do cotidiano feminino, o que se configurou como fio condutor da análise, sem, contudo abrir mão dos Grupos de Discussão e por fim das Entrevistas Individuais Semiestruturadas que funcionaram como via de acesso às falas mais genuínas das jovens. Na metodologia adotada, as estratégias de pesquisa foram consideradas meios de produção de informação, percebidas como parte do processo de comunicação.

Questões macroestruturais aparecem nas histórias de vidas singulares dos sujeitos femininos que participaram desta pesquisa. A escolha das entrevistadas se deu em função da maturidade apresentada por algumas delas, que apesar da mesma idade possuíam saberes e experiências singulares, que vão desde a primeira relação sexual, até o uso de drogas. Saliento, que das nove entrevistadas, três eram integrantes do Bonde da Padoka dos Boys, duas do Bonde das Malcriadas e quatro do Bonde das Ariranhas. Optei por não contar as histórias individuais de forma linear para não facilitar a identificação, em vez disso, apresentarei um panorama geral, a fim de que os leitores conheçam um pouco do universo e da cotidianidade destes Bondes compostos por meninas/mulheres autodeclaradas funqueiras, em sua maioria, negras, moradoras do Conjunto Morro Alto, bairro popular favelizado. Nesse aspecto, apresento de forma mais detalhada os Bondes estudados e sua relação com o capital simbólico⁵, disseminado e reproduzido por meio dessa instituição, bem como suas práticas sociais, que vêm lhes possibilitando exercer formas de empoderamento. A profundidade e qualidade das narrativas construídas no contexto das observações e no contexto interacional das entrevistas, estavam estreitamente ligadas à relação de confiança construída entre as participantes e a pesquisadora ao longo de quase dois anos de inserção no campo. As entrevistas foram autorizadas pelos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados pelos responsáveis e anexados à dissertação de mestrado resultado dessa pesquisa. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

Territorialidades e capital simbólico dos bondes femininos: Ariranhas, Padoka dos Boys e Malcriadas.

Eu tenho vergonha de andar sozinha. Já imaginou eu lá sozinha encontrar com o cara que eu dei pra ele... Nossa ainda mais que ele tá lá no bolinho dos amigos

⁵ Capital Simbólico é um conceito utilizado por Bourdieu com o objetivo de permitir compreender alguns fenômenos que de outra maneira permaneceriam insondáveis. Bourdieu (1967) defende a existência do poder simbólico, mediante o qual, as classes dominantes (ou campos dominantes) são beneficiárias de um capital simbólico, disseminado e reproduzido por meio de instituições e práticas sociais, que lhes possibilita exercer o poder. Para o autor, esses símbolos são instrumentos por excelência da integração social e tornam possível se obter o consenso acerca do sentido do mundo social o qual contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social dominante. O Capital Simbólico, diferentemente das outras modalidades de capital, não é imediatamente perceptível como tal e os efeitos de sua duração também obedecem a lógica(s) diferente(s). Espécie de poder ligado à propriedade de "fazer ver" e "fazer crer", o capital simbólico é, grosso modo uma medida do prestígio e/ou do carisma que um indivíduo ou instituição possui em determinado campo.

dele... E eles mexem na cara dura... Eu fico morrendo de vergonha, e eu não sei se eles tão falando ali no bolinho deles se é pro bem ou pro mal se eles tão falando aquela menina é feia, ou eu já comi aquela menina... Por isso dá vergonha, sabe. Melhor sair o Bonde todo junto (Sujeito 2⁶– Bonde das Malcriadas).

Se partirmos do pressuposto de que a constituição das identidades está diretamente relacionada às formas como os sujeitos vivenciam as incorporações das representações produzidas no cerne dos grupos aos quais pertencem, então as identidades são sempre relacionais, portanto, não fixas, o que conecta os conceitos de identidade e representação social. Todavia, as representações permitem ir do agente à configuração e da configuração ao agente em processos dinâmicos entre criação e reprodução, perpassados pela subjetividade construída em processos de interação social. É possível conectar assim, à concepção da chamada “pós-modernidade” na qual a pluralidade se apresenta ao conceito de identidade transformando o “eu” em “eus”, identidade em identidades, juventude em juventudes. Para Stuart Hall, “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006, p. 12-13)”.

Reconhecendo a heterogeneidade/pluralidade, presente nas configurações humanas, a expressão *Bondes* é compreendida enquanto modos de organização individual e coletiva diante de uma dada situação social do desenvolvimento dos sujeitos, e constitui, ainda, produto da subjetivação capitalística, tratando-se de “sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.27). A constituição subjetiva de participantes de *Bondes* representa um processo construído no contexto vivido pelos seus praticantes e integra a confrontação entre o mundo psíquico do sujeito e as novas demandas sociais, configurando-se como elementos da subjetividade social e pessoal dos sujeitos.

As meninas/mulheres dos *Bondes* aqui estudados utilizam-se das imagens tradicionalmente atribuídas à feminilidade para construir suas próprias formas de entender e vivenciar relações de gênero e poder, assim, atributos como a malícia e a sensualidade são apropriados por elas para comporem suas identidades de gênero, nas quais, vão construindo socialmente suas feminilidades, como demonstrado nas falas abaixo:

Basta ser mulher para saber o que é malícia! (Sujeito 8 Bonde Padoka dos Boys).

Como eu saio sem avisar minha mãe, e ela nem nota, nem percebe, eu chego falo que tava ali e fica por isso mesmo, mas acho que no fundo ela sabe que eu não sou

⁶ Os grupos identificados e estudados são: grupo Bonde das Ariranhas, grupo Bonde da Padoka dos Boys e grupo Bonde das Malcriadas. Para este trabalho, adotei alguns critérios com o objetivo de preservar a identidade das participantes do estudo, devido às situações de guerras que aconteciam no bairro. Nesse sentido, optei pelo uso do termo sujeito acompanhado de um número sequencial, e o nome do Bonde do qual fazem parte, ficando assim: Sujeito 1 Bonde X, Sujeito 2 Bonde Y e assim por diante.

trouxa, entendeu (Sujeito 7 Bonde das Ariranhas).

Faço a dança do quadradinho⁷ em cima do menino, ele fica doido (risos) depois mando ele tomar uma! (risos). A mulher pode ser frágil, fraca não! (Sujeito 2 Bonde das Malcriadas)

Não dá pra ter frescura na nossa área não, tem que ser mulher de verdade, por que na hora das dificuldades com os botas é a gente que negocia com eles, a nossa cara que fica na frente, mas até hoje eu não assinei nenhum BO⁸. Os polícia aqui da noite é tudo homem então cê já viu né... é tudo igual, tipo assim, tem que entender desses truques aí. (Sujeito 1 Bonde Padoka dos Boys).

Conforme Jodelet (2001), as representações sociais, como fenômenos, se apresentam de formas variadas e condensam um conjunto de significações e sistemas de referências que nos permitem interpretar o que nos acontece por meio de categorias que servem tanto para classificar as circunstâncias e os acontecimentos da vida como os indivíduos e grupos com os quais temos contato. A meu ver, as representações sociais são produzidas nas delimitações simbólicas que definem os espaços em que nos comunicamos, relacionamos e organizamos nossas práticas sociais. Analisando o trabalho de Jodelet, Fernando Gonzáles Rey (2009) expressa seu parecer em relação a uma perspectiva mais abrangente da autora francesa:

[...] pela primeira vez, visualizou as representações como uma produção de sentido que integrava elementos psicológicos muito diversos do espaço simbólico que ficava delimitado como objeto da representação. [...] considero que esses espaços que delimitam o que seriam os objetos das representações expressam elementos de sentido muito variados sobre as realidades sociais as quais emergem (GONZÁLES REY, 2009, p.94).

É perceptível o quanto as representações significam para o estudo de processos sociais que estão mais além da própria representação. Dessa forma, com a presença de áreas inseguras nos bairros populares favelizados, bem como, do tráfico e suas demarcações territoriais, mudanças significativas no sentido e nas representações sociais dessas populações podem ser conduzidas a gerar novas relações de interação com os territórios, conforme podemos observar nos trechos retirados das falas dos grupos de discussão, ao trabalhar com o tema relativo ao “Proibido ou permitido quanto ao trânsito feminino nos espaços de guerras locais”:

Depende, a caixa d’água tá com paz com os meninos da favelinha, só o curumim que continua de guerra com a caixa d’água. Algumas meninas transitam sim, numa boa, mas os caras ficam sempre de olho, e não adianta eles falarem que é normal porque não é normal. (...) Agora pior é se você tiver namorando mesmo, tipo firme, com alguém lá de cima (caixa d’água) e morar lá em baixo (curumim), eles botam você lá pra cima, numa boa, mas tem que mudar mesmo, ou eles vão pegar pesado mesmo, pra chamar atenção do cara. (Sujeito 1 Bonde Padoka dos Boys)

⁷ Coreografia funk, na qual o homem fica imóvel e a mulher mexe a cintura rapidamente, simulando o encaixe e o desencaixe do pênis na vagina. O homem fica proibido de encostar a mão na mulher durante essa dança.

⁸ BO constitui-se na sigla atribuída ao documento Boletim de Ocorrência, elaborado pelas autoridades policiais.

É tudo dividido, mas eles respeita nós; não só porque a gente é mulher, mas também porque a gente tá ligada nas tretas deles. Agora os meninos, principalmente os soldadinhos (risos) só passa se for dentro do carro com vidro aberto, em cima de uma moto ou dentro do ônibus, se passar a pé já era. Isso tudo é regra. Já pra nós meninas não. Igual, eu vou lá na rua HH todo dia na casa da minha colega que é de outro Bonde. Também eu sei entrar e sair de qualquer quebrada aqui no bairro. (Sujeito 2 Bonde das Malcriadas)

Quando a menina é mulher mesmo do cara, tipo tem uma relação mais séria com ele, aí não é bom ela ficar indo lá em baixo não, mas tipo assim elas pode ir lá na feira fazer o corre delas é normal, quando tem Proibidão funk ou Pagofunk, elas também pode ir e curti. Mas se vacilar... tipo ficar com cara rival, o cabelo dela roda, eles mandam cortar mesmo. E pode ser até da família que não adianta igual minha irmã que mora com o cara da caixa, ela não tem confiança ne mim, porque eu fico muito aqui no curumim, então quando reúne o pessoal lá na casa do meu pai, a gente nem fica muito perto uma da outra. Aqui tanto os cara da guerra, quanto as meninas resolve assim, homem resolve com homem mulher resolve com mulher, há um acordo. (Sujeito 7 Bonde das Ariranhas)

Aqui cada um tem sua guerra, nosso Bonde é tranquila mas se vier periguete, atravessar nossa área, pagando de folgada, sem chance, pode ser até aquele rostinho lindo maravilhoso, com aquele cabelinho lisinho, então quando você tá com o inimigo você quer deixar sua marca na cara dela para toda vez que ela olhar no espelho lembrar. No dia da briga com aquela piranha, essa que eu to pagando BO, nesse dia mermo eu até tirei o canivete da mochila, nem levei ele pra evitar. “Onde chega pára tudo, seu perfume é da Armani”.. (risos) é nós fi. Mas o mais divertido é tipo assim tá o Bonde todo e os meninos falam “Ôh lá em casa”, aí já era, os meninos já fechou ni nós aí até empino, mas a regra é não olhar pros meninos deixa eles viajando ni nós (risos). (Sujeito 3 Bonde das Malcriadas)

O que difere as meninas dos meninos no quesito “transitar em espaços de guerra”, é que elas tendem a mostrar suas rivalidades nesses espaços de forma mais personalizada. Ou seja, as ofensas fazem menção a pessoas específicas e não a grupos e Bondes. Apesar dos códigos de convivência estabelecidos pelos Bondes, as jovens enfrentam suas rivalidades de maneira distinta, por meio de disputas individuais. Os xingamentos, o modo pelo qual a linguagem opera a favor da normatividade, uma linguagem racializada e estigmatizada é amplamente percebida quando o Sujeito 7 Bonde das Ariranhas diz: *“Quando encontro com uma menina que não gostamos, eu dou aquela zoada, oh galinha de macumba, canhão, cabelo de Bombрил”*. Os termos normalmente utilizados parecem sugerir que as meninas aceitam as imagens depreciativas tradicionalmente atribuídas ao gênero feminino e negro, desde que essas imagens estejam coladas à outra, “inimiga”, e não a si mesmas. A meu ver, as pessoas — sejam oprimidas ou não — podem ou não reconhecer e internalizar certas “proibições culturais”; mas certamente, a maioria dos oprimidos submete-se às injunções sociais, nem que seja ao preço de alienar o próprio pensamento em nome de um projeto identificatório prescrito pelo opressor. As manifestações coletivas de revolta são, na verdade, episódicas e, via de regra, carecem de organização e de um projeto político norteador. Certamente, podemos compreender certos assaltos, roubos e assassinatos realizados por indivíduos ou grupos, como manifestação de revolta, mas nem sempre representam ações reativas, já que distintos sentidos são produzidos por sujeitos

diferenciados.

Com o intuito de ampliar a discussão remeto-me a um estudo realizado por Anne Campbell (1999), no qual concluiu que as identidades de meninas em gangues ou grupos com características semelhantes, são formadas a partir da rejeição do comportamento que não se aplica a si.

[...] essa depreciação dos outros é um componente crucial para o estabelecimento da autoimagem. Acusar mulheres de uma gangue vizinha de serem putas ou viciadas indica claramente que a pessoa nega a aplicabilidade desses termos a ela mesma. A análise da vilificação dos outros não é somente uma ferramenta metodológica útil, mas esse processo de rejeição simbólica pode estar no bojo de como as gangues femininas chegam a sua autodefinição. (CAMPBELL 1999, p. 102).

Em nossas discussões ficou evidenciado o quanto as meninas/mulheres dos Bondes estimavam os símbolos da guerra⁹ assim como os meninos, mas preferiam utilizar-se fisicamente, jogando com o sexo, com a sensualidade e com outras formas simbólicas, territorializando assim, ora de um modo empoderado, ora por meio de violências voltadas contra si mesmas. Ficou perceptível que elas trocavam de sinais, transgredindo os signos impostos socialmente para o feminino, já que, o que era considerado como atributo da mulher objeto, pela sedução e fragilidade, são ressignificados por uma menina/mulher sujeito que demarca a sua singularidade, mesmo que, às vezes, tão estereotipada quanto à tríade sedução-poder-negritude (CARNEIRO, 2001).

Saliento o quanto as discussões acerca da temática de gênero, bem como do feminismo negro¹⁰, no universo dos Bondes femininos funqueiros, configura-se como essenciais dentro do espectro de compreensão e análise a que se propôs esta pesquisa. Essas meninas/mulheres, muitas vezes, não se adequam aos estereótipos produzidos acerca da feminilidade sem necessariamente, desestabilizarem assimetrias de poder. No que tange a essa questão, a historiadora feminista Joan Scott (2002) acrescenta que “as demandas pela igualdade, necessariamente evocam e repudiam as diferenças que num primeiro momento não permitiriam a igualdade” (SCOTT, 2002, p.20). Essa perspectiva, de certa forma, reflete na atuação de mulheres feministas ou não. A luta pela igualdade não pode ocultar as diferenças intrínsecas à diversidade das relações humanas. Por esse caminho, apresentado como paradoxo por Scott, compreende-se que a igualdade é uma abstração, embora sua garantia seja legal.

⁹ Entende-se por símbolos masculinos da guerra, neste cenário, as armas, as pichações feitas pela cidade, à exibição de fotos com dinheiro e artigos luxuosos de consumo.

¹⁰ A representação da identidade feminina negra gera uma tensão no interior do próprio movimento uma vez que a determinação da raça se torna insuficiente para pensar e viver uma identidade feminina negra que pretende abarcar todas as nuances das mulheres negras. Outras demandas são apresentadas como possibilidades de demarcações das diferenças, ou melhor, das desigualdades que atingem diferentemente as mulheres negras a depender da posição social e das oportunidades e experiências vivenciadas por cada uma delas.

Na sociedade, entretanto, os indivíduos não são iguais; sua singularidade repousa em diferenças presumidas entre eles, diferenças que não são singularmente individualizadas, mas tomadas como categóricas. A identidade de grupo é o resultado dessas distinções categóricas atribuídas: de raça, gênero, de etnicidade, de religião, de sexualidade... a lista varia de acordo com o tempo e espaço e proliferou na atmosfera política da década de 1990 (SCOTT, 2002, p.23).

A construção social do feminino pelos atores em questão, comporta a diversidade de modos de ser, sem necessariamente, deixar de estabelecer nomeações. A questão do frequentar os *Proibições Funk* funciona como – *uma marca do lugar que eu posso frequentar* - dos Bondes femininos estudados aqui. Entretanto, mesmo sendo espaços para o afloramento do empoderamento, frequentar a rua e as baladas noturnas, ainda produz resistências emergidas da cultura patriarcal por parte da família e da sociedade. Assim, esse modelo estrutural de opressão configura-se como um obstáculo a determinadas atividades, o que leva muitas integrantes a adotarem estratégias e alternativas subversivas, para conseguir contornar/romper com essa dificuldade. Algumas declaram que, apesar das proibições ou limitações, aquelas que querem participar das atividades de “fazer parceria”¹¹ dão um jeito e *enrolam a família*. Outras expressaram opiniões semelhantes, mas deixam claro que sempre haverá que se adotar uma estratégia para burlar as resistências, tanto no público quanto no privado:

Que nem esses dias aí atrás, minha tia me perguntou de novo “o que você tanto faz na rua de madrugada”? Aí eu falei com ela na maciata, eu vou numa festinha (risos), aqui pertinho ou eu fico conversando com os meninos aqui na nossa área. Pra te falar a verdade eu nem menti, eu gosto disso são momentos de prazer pra mim, só que ela tem medo que eu apronte de novo. Ela fala que “pobre e preto só leva ferro”. Eu não fico pensando no perigo da rua não, se tiver que acontecer aconteceu gente. Quando fica pegando demais no meu pé aí que eu saio mesmo. Eu sou o capeta! (risos). Vou ficar em casa só porque sou mulher, jamais! (Sujeito 8 Bonde Padoka dos Boys)

Não é possível falar sobre menina/mulher, Bonde e suas relações com a rua, sem fazer referência à masculinidade e à sexualidade. Muitas pesquisas demonstram que em diversos ambientes, brincadeiras, rimas e palavras trazem à memória elementos ligados à sexualidade. No estudo antropológico desenvolvido junto a meninos em situação de rua por Lisiane Leczneski (1995), podemos identificar claramente dois elementos ligados à sexualidade masculina: a exaltação da masculinidade através de jogos de palavras e a defesa da honra através de duelos.

Como há a existência de um código linguístico compartilhado pelos meninos em situação de rua, no qual a utilização de palavrões cria um ambiente descontraído de disputas em torno de um capital produtor de masculinidade, há uma resignificação desse espaço público pela menina/mulher que o frequenta, no qual reescrevem seus

¹¹ Forma com que se referem às amigas que vão naquela noite sair com os meninos, para um mesmo lugar pela primeira vez. “Cada uma com um cara, tipo só caszinho, fazemos isso quando não estamos seguras em determinadas áreas. Uma olha a outra, assim evita casos de abuso”(Notas do Diário de Campo – NDC, janeiro de 2012).

códigos e ditam suas regras produzindo um ethos feminino para pertencer à rua. Todavia, as marcas, culturais, patriarcais em que estão imersas, foram passíveis de identificação no contexto pesquisado, quando “diabolizavam a rua” (BADINTER, 1980) por representar um território masculino e que, portanto, para estar nele, deve-se autonegociar-se uma capeta.

É tipo assim, eles respeita quando tá com a mulher do lado sabe, se for qualquer uma vadia não. Mas quando é a mulher mesmo do cara, eles naquela hora não faz nada não. Mas nesse dia eles apontaram a arma pra nós e falo assim não corre não, aí o cara começou a bater no (...) o bicudo daquele nego horroroso passou pertinho da minha barriga, eu endoidei... ia partir pra cima deles, não tava nem fudeno pra barriga... aí ele falou (ou desculpa aí viu), e começaram a falar: Ah moleque você deu sorte de tá com a mina hoje senão já era (Sujeito 5 Bonde das Ariranhas).

O discurso da “menina/mulher guerreira”, descrito acima marcadamente oferece às integrantes do Bonde uma atrativa identidade ou posição subjetiva, ainda que esteja baseada numa patética caricatura do poder patriarcal (JEFFERSON, 1996, p.160). Podemos deduzir que as demarcações da hierarquização social, étnica e de gênero, ou seja, a interseccionalidade influencia idealização do território. Tais agrupamentos identitários, por mais movediça que seja a identidade, fornece o solo para a edificação da territorialidade.

Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro. O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede. São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. “São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalidades diferentes, quiçá divergentes ou opostas” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p.256). Nesse sentido, pensar sobre a territorialização dos Bondes femininos, constitui uma experiência de caminhar por um espaço em construção. Nessa caminhada, percebem-se diversos olhares e leituras na tentativa de dar conta de entendê-los e explicá-los. Essa realidade ajuda a perceber que não existe uma forma única de formação dos Bondes, mas diversas.

Patriarcado, feminilidades e baile funk: territórios atravessados e tensionados por prescrições normativas e subversões.

A predominância da formação discursiva patriarcal na mentalidade brasileira traduz-se nos fragmentos das falas expressas pelos sujeitos 5, 6 e 8: “Nó... foi a primeira vez que eu vi a bunda do (...)”; “eles respeita quando tá com a mulher do lado sabe se for qualquer uma vadia não”. “Os caras que é das antigas mesmo, que já foi preso e tudo, sabe o quanto uma mulher grávida é sagrado fi”. Embora o patriarcado tenha-se desintegrado, de diferentes formas, nas distintas regiões do Brasil, o modelo patriarcal

permaneceu na mentalidade e na vida política brasileira, talvez como uma forma “moderna” de patriarcado disseminado pela sociedade civil (PATEMAN, 1993). O paternalismo, o coronelismo e o protecionismo expressam a necessidade do povo brasileiro de ser protegido por figuras fortes, uma vez que não acreditam em suas próprias capacidades. Prescrições como esta remontam aos conselhos dos pensadores gregos e dos ‘grandes filósofos’ que influenciaram o pensamento ocidental. A idealização do papel materno e a conseqüente culpabilização da mãe ao afastar-se das normas patriarcais, bem como realizar prescrições de um ethos masculino, associado ao proibido, ou ao errado, foram encontradas nas falas dos sujeitos dos três Bondes:

[...] eu to namorando dentro de casa, minha mãe sabe, já me ensinou as coisas e eu conto tudo pra ela, mas ela falou: Quando chegar as vez de vocês fazer “coisa errada”, você me fala pra marcar médico. Igual, eu e meu namorado a gente briga só por coisa boba, às vezes ele quer me controlar falar com quem estou conversando, eu já falo: Você não manda ne mim, Você ainda não me colocou dentro de uma casa e me sustenta, então você não pode mandar em mim. A minha mãe fala que eu tenho que obedecer pra dar certo o relacionamento depois que a gente casar (Sujeito 8 Padoka dos Boys).

Minha mãe me pôs com 9 anos de idade pra fora de casa, como que eu não revolto com a vida?! Ela sabe de tudo que meu padrasto fez e fica me chamando de mentirosa. Vê se mãe faz isso com filha mulher?! (suspiros) Ódio! Não gosto dela não, ela sabe disso, só que ela não acredita ne mim, na hora que ela fala que é mentira, me dá uma vontade de colocar fogo nela (Sujeito 5 Bonde das Ariranhas).

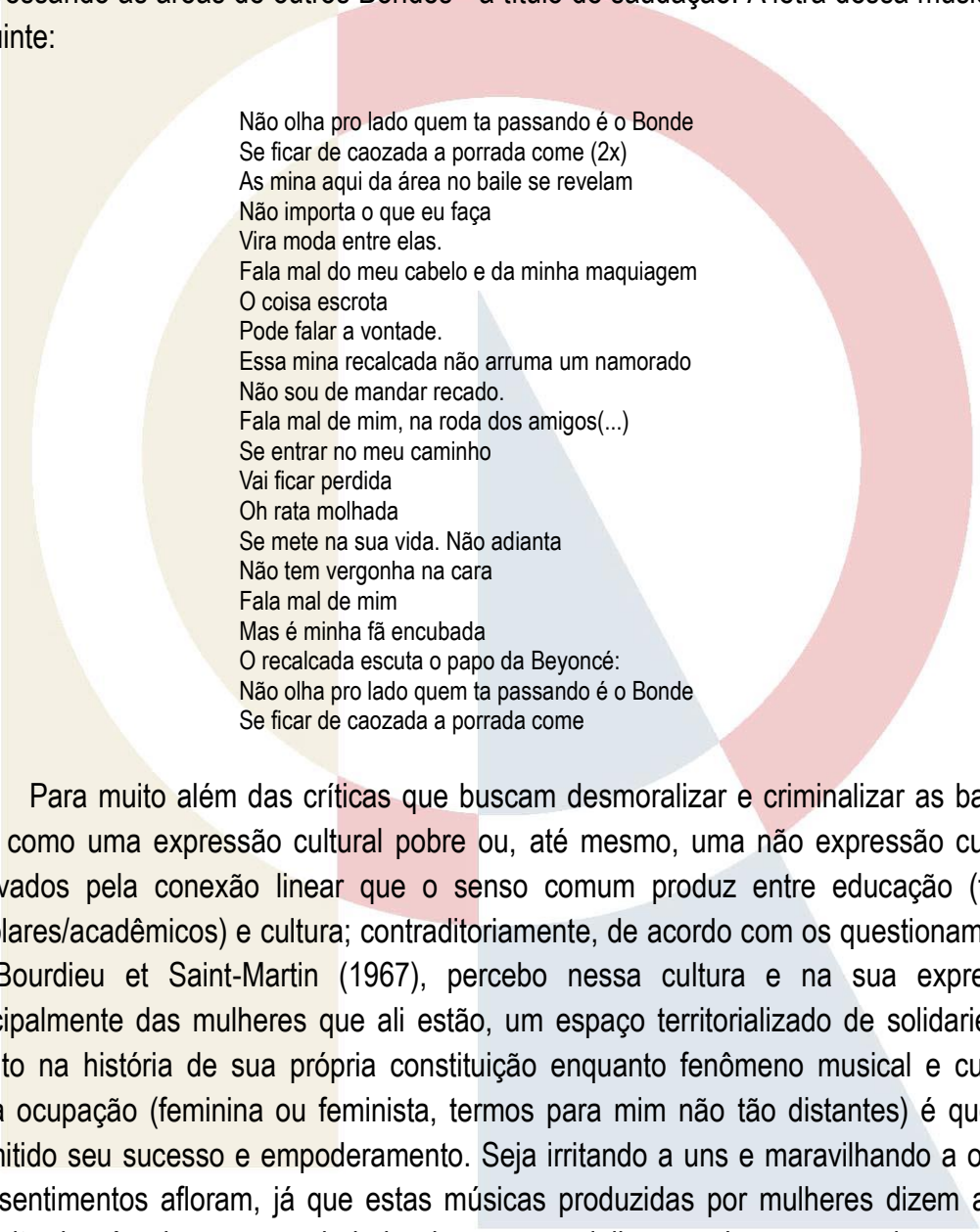
As pessoas que me viam assim e falavam que eu era barraqueira, tupetuda, folgada, às vezes só por causa do meu jeito de andar, porque eu andava igual um pivete, igual um homem, e tem outra eu ficava mais com os meninos, conversava muito com eles, tanto que no fundo eu prefiro amizade de homem do que de mulher. (Sujeito 1 Padoka dos Boys)

A função de educar, de dar carinho, amor e de proteger os filhos e filhas é atribuída predominantemente à figura materna. Revela-se aí a expectativa e a prescrição de que as mães criem e cuidem de seus filhos biológicos. Tal prerrogativa encontra-se também no desejo do Sujeito 5 Padoka dos Boys, de ter sido cuidada pela mãe biológica. Outro aspecto importante a ser observado foi a não citação das funções paternas.

Pesquisas (CECCONELLO, 2003; YUNES; SZYMANSKI, 2001) têm demonstrado que, embora pobreza e violência sejam percebidas como fatores de risco, não produzem, necessariamente, resultados negativos, observando-se atitudes protetivas e capacidade de resiliência em famílias e grupos em regiões empobrecidas. Nesse sentido, dar visibilidade à pobreza como fator que predispõe à vulnerabilidade social e de gênero, não implica em discriminar ou estigmatizar as famílias ou grupos pobres de forma linear e causal. Trata-se, isto sim, de desvelar a violência estrutural imposta à pobreza, em especial às mulheres negras chefes de família, uma vez que são elas as principais vítimas da “feminização” da pobreza: “dentre o mais de um bilhão de pessoas da população mundial que se encontra em extrema condição de pobreza, 70% são mulheres” (PRÁ, 2001, p.177). A seguir apresento de forma mais detalhada, quem são

essas meninas/mulheres que ocupam os bairros populares favelizados e suas produções de sentido.

A música “Fala Mal de Mim” da Mc Beyonce, reflete bem as subjetividades presentes nos Bondes femininos estudados. Conheci a letra da canção abaixo logo nos meus primeiros contatos na rua com os Bondes. Essa música representa quase um hino entre elas, está presente na boca e nos celulares, principalmente quando estão se aproximando dos bailes funk, durante os recreios escolares - a título de provocação - ou atravessando as áreas de outros Bondes - a título de saudação. A letra dessa música é a seguinte:



Não olha pro lado quem ta passando é o Bonde
Se ficar de caozada a porrada come (2x)
As mina aqui da área no baile se revelam
Não importa o que eu faça
Vira moda entre elas.
Fala mal do meu cabelo e da minha maquiagem
O coisa escrota
Pode falar a vontade.
Essa mina recalcada não arruma um namorado
Não sou de mandar recado.
Fala mal de mim, na roda dos amigos(...)
Se entrar no meu caminho
Vai ficar perdida
Oh rata molhada
Se mete na sua vida. Não adianta
Não tem vergonha na cara
Fala mal de mim
Mas é minha fã encubada
O recalcada escuta o papo da Beyoncé:
Não olha pro lado quem ta passando é o Bonde
Se ficar de caozada a porrada come

Para muito além das críticas que buscam desmoralizar e criminalizar as baladas funk como uma expressão cultural pobre ou, até mesmo, uma não expressão cultural, motivados pela conexão linear que o senso comum produz entre educação (títulos escolares/acadêmicos) e cultura; contraditoriamente, de acordo com os questionamentos de Bourdieu et Saint-Martin (1967), percebo nessa cultura e na sua expressão, principalmente das mulheres que ali estão, um espaço territorializado de solidariedade inédito na história de sua própria constituição enquanto fenômeno musical e cultural. Essa ocupação (feminina ou feminista, termos para mim não tão distantes) é que tem permitido seu sucesso e empoderamento. Seja irritando a uns e maravilhando a outros, tais sentimentos afloram, já que estas músicas produzidas por mulheres dizem algo a respeito de nós, da nossa sociedade, da nossa socialização, das nossas relações e das nossas contradições. Esses aspectos podem ser observados na música da Mc Maysa do grupo das Abusadas.

Sou eu que faço meu cabelo
Pago minhas contas

E faço minhas unhas
 Não dependo de homem (...)
 Pra coisa nenhuma
 Porque eu sou mulher guerreira
 Ralo forte no batente
 Desde pequenininha aprendi a ser independente
 Na vida eu aprendi que de graça do céu só cai chuva
 Então seu otário, se liga e me escuta
 Não dependo de homem
 Pra coisa nenhuma
 Se liga no papo da Maysa
 Acorda mulher e se valoriza
 Acorda mulher e se valorize

Ao propagarem um ethos feminino em suas letras musicais, em suas vivências musicadas, e em suas atitudes performáticas, confrontam os impactos da vergonha, do proibido, do condenável e criam laços de confiança que resultam justamente no que estamos analisando: a ocupação (e inversão) feminina no funk, o alargamento do privado e a constituição de novas relações públicas, inclusive entre as próprias meninas/mulheres e os meninos/homens.

A rua e as baladas funk, principalmente os Proibidões Funk, conquistaram uma configuração produzida também por sujeitos femininos, o que pode ser compreendido como uma afirmação da identidade grupal, quando da/na formação dos Bondes, ou a auto nomeação de Periguetes da Moral. A adesão dessas jovens às práticas das galeras masculinas pode ser compreendida como uma afirmação da identidade grupal, que aparece associada à noção de “nós”, em contraposição ao “elas” - jovens de outras comunidades ou estratos sociais nomeadas ora como Periguetes Desclassificadas, ora como Recalcadas. E sobre essa diferença elas dizem:

A Periguite da Moral, é aquela que sabe dar o seu valor, é sensual, não tem namorado fixo, rouba a cena aonde chega e assume seus atos. Faz os seus corres, durante a semana, até quinta... porque sexta é dia de faxina em casa e dia de dar um trato no vizú! Para quando chegar sábado, tá prontinha para o crime. Ela tem que ter atitude¹² (Sujeito 2 Bonde das Malcriadas).

A Periguite Desclassificada tem que apanhar muito (risos). Ela coloca os caras só em rolo violento, não sabe dos movimentos do bairro, fica com um nego da região da Caixa d'água, tira toda grana dele na noite e depois vai dormir com outro cara do Cruzeiroiro. Além de não cuidar da família, elas são egoístas e individualistas. No meu Bonde mando eu, lá não tem nenhuma desse naipe, senão já era, o Bonde todo pula nela fi (Sujeito 4 Bonde Padoka dos Boys)

As tensões femininas que emergem nesses espaços públicos e festivos, se assemelham muito com as representações da cultura viril, associadas ao ethos guerreiro, que compõem o imaginário da rua (MARQUES; CARRETEIRO, 2007, p. 63-73). A periguite desclassificada que tenta se apossar de um espaço ou grupo (Bonde) já ocupado por uma periguite da moral, representa fato grave, considerando que fere as

¹² A maior qualidade de uma integrante do bonde ou de parceiros da galera. É a garantia de compromisso e caráter. Se uma pessoa é querida do grupo, tem atitude.

demarcações inscritas no ethos da rua, podendo gerar uma guerra entre todos os defensores dos territórios ali delimitados. Nesse aspecto, torna-se importante salientar como esses contextos são delimitados por códigos de convivência que procuram defender a honra¹³.

Considerações finais

Numa perspectiva mais abrangente, através de uma análise superficial, acreditaríamos que a menina/mulher que se auto intitula *funqueira e perigete*, estaria apenas constituindo experiências de lazer alienantes. Com esse olhar eu não poderia categorizar essas jovens como meninas/mulheres “empoderadas”, termo advindo da expressão ‘empowerment’ (LEON, 2000) que remete à capacidade das mulheres de terem controle sobre suas próprias vidas, inclusive sobre seus corpos. Todavia, foi possível de maneira minuciosa conhecer a trajetória dessas jovens, acompanhar sua cotidianidade e perceber que ao escolher esses espaços elas se tornam *sujeitos* de suas ações produzindo um *ethos feminino singular* que se desdobra em uma multidimensionalidade constituída de distintos códigos, valores, crenças e atividades.

Em relação às questões teóricas e metodológicas, considero que as escolhas foram pertinentes para a construção de análises mais contextualizadas e mais adequadas à complexidade e ao dinamismo de formas contemporâneas de ação sociopolítica juvenil, assumindo um caráter intrínseco das abordagens crítico-feminista, levando em conta sempre a investigação dos processos e não dos objetos, observando as mudanças e não a estabilidade. Além disso, avaliei que a profundidade e qualidade das narrativas construídas no contexto das observações e no contexto interacional das entrevistas, estavam estreitamente ligadas à relação de confiança construída entre as participantes e a pesquisadora ao longo de quase dois anos de inserção no campo. A maneira como os Bondes se organizavam e, de certa forma, se des(re)articulavam, pautados por um ethos coletivo, implicou em contínuas reflexões sobre meu fazer científico. Em que medida minhas teorias e, principalmente, o modo como construí esta pesquisa, era adequado, justo, ético e plural? Embora todos os cuidados necessários tenham sido tomados para a realização deste estudo, seria leviano não destacar a existência de meninas/mulheres com variadas trajetórias. Algumas com a mesma idade, mas com saberes e experiências singulares, desde a primeira relação sexual, até o uso

¹³ A utilização do conceito de honra nesse contexto precisa ser feita com cuidado. Na literatura antropológica, a honra masculina e o pudor feminino são noções-chave inspiradas nas etnografias de grupos rurais das sociedades mediterrâneas. Nessas análises, a honra é tida como valor ideal, construído independentemente das práticas. Tal argumento, baseado em uma articulação mecânica entre atributos masculinos e femininos, enfatiza demasiadamente a subjugação dos segundos pelos primeiros (CORNWALL; LINDISFARME, 1994). Além disso, a honra estaria baseada em valores culturais herdados. Considero os limites dessa noção para pensar o caso dos Bondes femininos. Meus dados divergem substancialmente das etnografias clássicas. Entre as entrevistadas e informantes, a ideia de honra herdada de outras gerações, não tem importância, e a memória genealógica é curta, pois a percepção temporal se restringe a um período mais reduzido.

de drogas, ou sua postura ativa diante do parceiro. Inicialmente, até por desconhecimento do pensamento complexo, e da teoria histórico-cultural, que permeou todo o estudo, ambicionava fazer entrevistas com mais jovens. Contudo o tempo disponível para a realização deste estudo, a metodologia adotada, o interesse em trabalhar com uma estrutura de análise artesanal e complexa, bem como alguns limites pessoais da pesquisadora inviabilizaram a ampliação do número de participantes, neste momento da pesquisa. Alguns aspectos que pretendo aprofundar em outros trabalhos são: um diálogo mais estreito entre a dimensão macrocontextual e a análise das entrevistas; discussões acerca do papel da pesquisadora em observação participante de base feminista; e o aprofundamento dos critérios de identificação de posicionamentos identitários.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p.

BILA, Sorj (Org.) **Mercado de trabalho e gênero**: comparações internacionais. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1992.

BOURDIEU, P. Sistemas P. e Sistemas de Ensino do Pensamento. **Revista Internacional de Ciências Sociais. Funções sociais da Educação**, Paris, c. 19, n. 3, p. 367-388, 1967.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPBELL, A. Self Definition by Rejection: the case of gang girls. In: CHESNEY-LIND, Meda; HAGEDORN, John. **Female Gangs in America**. Chicago: Lake Press View, 1999.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: **Estudos de gênero face aos dilemas da sociedade brasileira**. São Paulo, 2001.

CECCONELLO, A. M. **Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco**. 2003. Tese. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

CORNWALL, A.; LINDISFARME, N. (orgs.). **Dislocating masculinity**: comparative ethnographies. London: Routledge, 1994.

ESSINGER, Sílvio. **Batidão**: uma história do funk. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOMES, C. L.; ELIZALDE, Rodrigo. Análise teórico-conceitual da recreação e do lazer na América Latina. In: GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo (Orgs.). **Horizontes latino-americanos do lazer / Horizontes latinoamericanos del ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 343p.

GONZÁLES REY, F. **O social na Psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Psicoterapia, Subjetividade e Pós-Modernidade - uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thompson, 2009.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. B. **Mioropolítica: cartografias do desejo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DPA, 2006.

JEFFERSON, Tony. From 'little fairy boy' to 'the compleat destroyer': subjectivity and transformation in the biography of Mike Tyson. In: MAC AN GHAILL, M. (ed.). **Understanding masculinities**. Philadelphia: Open University Press, 1996.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LECZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcas de masculinidade entre guris de rua. **Revista Horizontes Antropológicos**, v.1, n.1, p. 95-112, 1995.

LEON, M. Empoderamiento: relaciones de las mujeres con el poder. **Estudios Feministas**, Florianópolis, v.8, n.2, p.191-207, 2000.

MARQUES, Walter Ernesto Ude; CARRETEIRO, Maria Teresa. Juventude e virilidade: a construção social de um ethos guerreiro. **Pulsional. Revista de Psicanálise** (São Paulo), v. 191, p. 63-73, 2007.

MORIN, Edgar. (Org.). **A religião dos saberes: o desafio do século XXI: Jornadas Temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. v. 1.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Trad. Marta Avancini. Paz e Terra, 1993.

PRÁ, J.R. Cidadania de gênero, capital social, empoderamento e políticas públicas no Brasil. In: BAQUERO, M. (Ed.) **Reinventando a sociedade na América latina: cultura política, gênero, exclusão e capital social**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p.173-208.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO/34, 2005.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Território e sociedade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCOTT, Joan W. Relendo a história do feminismo. In: _____. **A cidadã paradoxal**. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SUDBRACK, Maria F. O. Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 2, p.151-159, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

YUNES, M.A.M; SZYMANSKI, H. Resiliência: a noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES. J (Org). **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

Endereço para correspondência

EEFFTO/UFMG - Av. Antonio Carlos, 6627 - Pampulha - Belo Horizonte – MG.
CEP. 31.270-901

Recebido em:

18/08/2016

Aprovado em:

17/11/2016